

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

NOVEMBRO

Ha nas tardes plangentes d'estes pallidos dias de novembro uma nota dulcissima de saudade e de melancolia, que me faz lembrar o ramo de artemizias d'uma viuva formosissima, cheia de tristeza e cheia de graça, que aos dèsenove annos se cazara, e, dous mezes depois, perdera o seu bem-amado, o escolhido do seu coração virgem e crystallino.

E como, na margem dos lagos, os lyrios e os nenuphars pendem, mercencoriamente tristes, para o fundo azulado que se esproguica, as suas corollas cõr de sangue e oiro, eu tambem, na tristeza suggestiva d'estes dias sem sol e d'estas tardes sem arbores, deixo pender a minha alma para o vacuo indefenido do desalento; e sinto-me bem,—sentindo que me vou rolando, rolando na espiral do sonho, do desconhecido, indo, mar em fóra, na crysta branca d'umas ondas alvissimas, suaves e suavissimas, como suave e suavissimo é o teu sorriso e o teu cõllo, o teu hallito e os teus osculos, ó minha doce e bem amada, que és branca como os cysnes e suave como as pombas.

Perdem as arvores as suas folhas; e os braços, hirtos, nus, erguem-se, piedosamente, para o ceu, como um naufrago em mar largo pedindo misericordia.

As aves deixam de chilrear contentes e felizes. Uma tristeza desconhecida as assalta.

Os pardalitos, mais vivazes, aconchegam-se dos cazaes; e, porque a cira está vazia, entram confiados portas a dentro, em cata das migalhas que as creanças deixaram no soalho, depois do repasto, e as que os servos semearam pelo terreiro, pelas escadas e á porta da cosinha.

Cahem, impertinentes, as primeiras chuvas de inverno; e os lavradores, o varandão cheio ainda de milho verde, olham tristemente para a cira de casco, que não torna a secar em termos, e para as areas que estão ainda vazias de pão.

Começam as creanças a aconchegar-se das lazeiras, porque o frio principia a entanguir-lhes os membros; e os bois, pacientes e bons, a erguer, estacado, o pello que até agora era tão suave e tão liso.

As madrugadas, que eram um sorriso de oiro, são agora da pallidez d'um cadaver. Eu o senti, e o fixei ainda hontem.

Levantara-me cedo. Não tinha ainda despontado o sol. Uma neblina acobreada frangear todo o horizonte. Como fumo leve, foi-se pouco a pou-

co descondensando; e umas restas de luz de oiro fosco começaram a bispontar-se, como n'um lençol de rendas, nos montes que me ficavam em frente.

Horizonte largo e bello. Eu descortinave todo o valle do Tamel, desde St.^a Maria do Abbade até ao cimo do monte de Oliveira, que se festia, com a curva d'um semi-circulo, na veiga de Villar de Frades.

Mas aquelle sol era um sol doente, pallido e triste, amarello, sem refulgencias de oiro, anemico, sol de inverno, que aquece, mas não aleuta, que tem luz, mas não tem alma.

Os montes de Carapeços e da Silva, debruçados sobre as collinas verdejantes que os beijam, e illuminados, como n'uma canara escura, por este sol assim pallido e assim triste, fizeram-me lembrar um enixão enorme, forrado de velludo preto, e tendo, na cobertura, europeis farfalhudos de oiro amarello e falso.

Tudo é triste, desde os sinos que, pelo callado da noite, echoam nos valles, de fóra em fóra, do torreão até ao cazebre, da egreja até ao matto, o som lugubre e mercencóro, bronzeado e largo, buzio, disforme e descompassado, avivando a memoria dos que morreram, e argamassando de lagrimas as almas dos que ficaram.

A tristeza desce do ceu até ás almas, e sobe das almas até Deus. Pelos outeiros verdejam apenas os cyprèstes dos adros; e nas egrejas floresce apenas a hostia branca do Sacratio. Branca e tão leve como o sonho d'uma noite de nupcias, ó minha doce amada, que és a Hostia da minha Vida, e a Via Lactea da minha alma.

E, porque a tristeza se dá commigo, eu sinto-me bem, vendo as folhas cahir em terra, seccas e mirradas; as arvores ficarem nuas; o sol adoece, as madrugadas empallidecerem; as chuvas açoutarem as ciras...

Apenas não posso perdoar que os pardalitos e as levandiscas passem fome e sintam frio.

Porque os pardalitos, na viveza da sua graça, lembram-me a tua graça; e as levandiscas, na doçura e na meiguice do seu olhar, lembram-me a consoladora meiguice do teu olhar e do teu sorriso, a suavidade da tua voz e o mel dos teus beijos.

Ha pelas veigas fóra a nevõa baça do desconforto. Os campos amarellecem nas arvores e nas hervas. A agua que «lima» não é branca nem crystallina como a d'outr'ora.

Vae a natureza toda descendo a espiral da des-

A LAGRIMA

crença. Quer sumir-se no desconhecido. As folhas não reverdecem; as corollas não se douram.

E, porque eu me dou bem, n'esta quietidade e n'esta melancolia auroral da Vida, o Bom Deus compraz-se em me fazer a vontade, creando em roda de mim um circulo de sombras, um nimbo de sonho e de Duvida.

Porque a esperança é eôr de oiro refulgente; e agora os dias sã o de uma pallidez baça, e as noites de uma tristeza de viuva inconsolavel.

Em manhã de Abril, quando o sol se espargir de corôes, a minha alma cantará o alleluia da graça, da tua divina Graça, ó minha muito amada, sol do meu inverno, consolador e benéfico, Aima no meu desconforto, Hostia das minhas crenças e Luz d'estas noites tenebrosas...

As trevas da Duvida.

... E as Sombras do Desalente.

Z. SARAMAGO

Passou o dia de finados. Romagem triste aos cemiterios. Fui tambem, e confesso—uma grande tristeza me invadiu a alma, ¿Que valem glorias, honras, fama, perante os covaes do campo santo?

Confrarias rodeavam, nas suas opas e com as suas cruces, as campas dos seus confrades. Padres para um lado resando em latim, collegios ou recolhimentos para o outro passando em revista o que estava.

A curiosidade estava ali. ¿Este jazigo de quem é? Este está bem arranjado. Aquelle melhor ainda...

¿Lagrimas?

Não as vi correr em face alguma. ¿Desappareceu a Dôr do coração humano, ou a Descrença invadiu as almas?

Incommodou-me tanta falta de respeito aos mortos.

Quarta-feira houve audiencia no tribunal d'esta comarca.

Havia por lá gente n'uma avidéz soffrega, entalada pelas bancadas, pelos corredôres e ainda um tanto na sala d'entrada.

Algumas coisas vi no recinto da justiça, dignas de se imprimir.

=As figuras amarellecidas e apodrecidas, na cadeia, de tres reus, a roclamarem compaixão.

=Um individuo, baixo, trigueiro, de oculos azulados, a pedir doridaamente oxigenio para os seus pulmões ralados e as sentinas do tribunal a rir ao lado, a rir... as assassinas!

=O sr. juiz enernzilhar na cara umas rugas asperas, quando um jurado delicadamente lhe pedia attenção...

=Um jurado, velho, n'um desprendimento de coisas terrenas, a dormir na bancada,—e aquella figura da justiça que está no toco n'uma saliência góssacea a olhar para elle por baixo da venda que tem sobre os olhos e a chorar...

Quando me vinha embora, uma mulhier d'um dos criminosos dizia para um filho:

—Tens frio, chega-te para mim!...

E n'esta occasião passava ao lado um individuo luxuosamente enfarpellado, a dizer:

—Que magnifica noite para um baile!



—Se te caço, com certeza que te pino. At que se tal acontece, enterro-te a arma e bayonet pelo corpo dentro, sem deixar nada de fora.

Veio-nos á mão o original de um —Baile de Reis—estulo e obra de mestre Reaxilio, que Deus haja. Como specimen vae a falla do primeiro figurão, que entra em scena, saltando e gesticulando, chamado Embaixa-lor:

«Senhores deme licença quero fazer minha entrada eu sou u invaixador que trago a invaixala.

O grandes Reizis monarcas do mar i ceus eterno que brillais—la—no alto do firmamento daime luzes para que eu possa fastijar u menino de Deus no seu santo nacimiento ó grandes Dezastros brillhantes o que Deus o mundo lançou que com u sol i com a terra u mundo tulo—lha crió para respiro de toda a Jaração i nós hoje todos com o noso grande contentamento detreminamos fastijar au menino de Deus nu seu Santo nacimiento todos.

Devem alvereebar minha intimu reflecto as minhas vozes que serão tolas com cunho parzer que eu por ellas birei dizer as maravilhas que sero Ja tenles a Deus por pai Ja escrevidão la vai A meia noute nacido para de todos ser savido i veio ser munda-lo para matar o peccato para Amar a allividez a naceu na maior baxeza em um portal derribado An-le pouza u filho de Deus a dorado tem leito duro chto i antre palha feno estar entre brutos Abilhado in la assim mesmo Aduralores tendes logo Reizes i pastores aquelo sovervo avatido i e este u teu Deus incofido o rico povresinho desperzado i nusinho i vós ó povo deirrael vede u menino de Deus na n'estalo mizara-lo afelito i

A LAGRIMA

descongelado i de miserias rrudia-lo frio termendo de Amor a sua Alma ardenlo Abriga u que é desabrigado num inzolamento total nacidu em um corral só com seu Pai i Mai dito u que estes Alcansaram u que us de belem desprezarem A meia noute nacido para de todos ser savido beio dus cons um enviado abizar Reis i pastores que viesem todos sem de nora ver a quella brillante orora como luz bredadeira que biera A curar nossa segeira.»



—Ollia acolá um coelho!... Mas como olles se encontram sem mais nem menos no mouto Vou-lhe atirar.

—Deus nos defenda d'isso. Estamos no meio de pinheiracs e se houyer ladrões veem, atra-lidos pelo tiro.

NOTAS DA QUINZENA

Continuam no góso da sua importante saude os ladrões e os espancadores do concelho.

Que, a proposito de ladroeiros, temos necessidade de embicar um poucochito com collegas nossos. Queream que o sr. administrador esteja em Barcellos.

Elle agora está abi,

—Mas, para que serve isso? —Para segurança de vidas? —Para contêr larapios?

Para segurança de pessoas é metter-se a gente n'um Seguro de Vidas, que não é caro. Para contêr larapios dentro da ordem é entregal os ao Neiva ou a qualquer official valente.

E para man-lar, no resto, não falta quem.. O que mais ha é quem mande.

Adiante.

Tem chovido muito, muito. O rio engrossou que nem a barriga d'um frade Bernardo, e atirou-se, sem se importar com leis nem meias leis, por cantos dentro, n'uma lascivia de padre d'aldeia, que ha dous dias não tinha visto a amante.

E arrastou tudo que encontrou. Em Barcelli-

nhos e na Fonte de Baixo era uma correria pelas suas margens. Uns queriam ma-leira, outros queriam lenha...

Estes, na Fonte de Baixo, os melhores servidos porque a lenha não faltou. Bateu-se, berrou-se, foi-se até a administração e depois...

—Que nos importa o resto?

As cousas d'este mundo como passam céleres! A' rua dos Judeus, dos das tamaras e rosários, do ouro e da usura, succedeu a rua dos Lanterneiros, que martelam candieiros e soldam os caixões de chumbó; a esta, a das Flores, nome que por certo não tem origem nas pallidas carinhas das moradoras, e, finalmente, em arroubo patriótico, a Camara impoz-lhe o nome glorioso do Infante D. Henrique.

Nome que desperta em nós a lembrança cavalheiresca dos arroja-los emprehonimentos do século XIII.

A in-lole dos do actual, porém, é mui diversa. Então comburia-se, hoje mechanisa-se. Então construa-se, hoje transporta-se como nos consta que vai ser feito ao Theatro Circo que em Coimbra vai hoje á praça, e que arrematado pela nossa Empreza G I Vicente será transplantado para a rua que ostenta orgulhosa o nome do homem que inoculou em nosso sangue o gosto pelos commettimentos grandiosos, como é este!

Grandioso e subilamente vantajoso, pois, a propriedade d'aquelle edificio, o é adquirida por seis contos: menos de uma quarta parte do seu valor.

A serio:—Não den resultado um theatro circo em Coimbra, a mãe das letras patrias, menos o pode dar n'esta patria de Gil Vicente.

O Corlinhas é um cidadão de Barcellinhos. Já foi cabo de policia, e mezario da Ponte, Mas é so-vina. Arranjou agua-pé. Dous almudes de vinho e dez almudes d'agua. O visinho Leites tambem gosta. Man-lou fazer, com 3 de vinho e cinco de agua.

—O' compadre, diz o Corlinhas; a sua agua-pé tem mais cor do que a minha.

—Terá mais vinho.

—O' compadre: —mas a baga dá cor?

—Dá!

O Corlinhas pespega-lhe com dez kilos de baga. Ficou—uma mixórdia.

Manuel Zé retumbante.

Ora vejam.

Ha annos, vinha elle, todo atarefado, muito suado, com a caixa da muzica ás costas, de longe. Todo o dia tinha comido feijões com arroz e arroz com feijões.—que é comida de muzicos.

Era já lusco fusco, quando Mamel Zé entrou na rua Direita. Não reparou. Zas, diz elle, como

A LAGRIMA

quem diz—lá vae agua; e desenerava ali pelo fundo das costas o obuz Amstrong. Ouviu-se um tiro de peça, succedido d'um cheiro apodrecido. Abrem-se janellas, caixeiros vem ás portas, junta-se gente...

E Manoel Zé, julgando que o queriam prender, deita a fugir, atravessa a viella do amigo Bento, vae pela Nogueira, Fonte de Baixo, e torna a entrar na rua Direita, disfarçado, como quem não quer a cousa.

Dous vultos que o tinham perseguido embugados em capas, reconheceram-o, e iam a tocar-lhe no hombro:

—O' Manoel Zé, espera ali; toma lá.

Manoel Zé, então, é que deita a fugir, que nem um galgo.

Até saltou o muro da quinta da Barreta.

E os dous vultos, que eram o finado dr. Salazar e José Palmeiro, de Barcellinhos, o que queriam era—dar-lhe 500 reis cada um—simplesmente pela pericia com que Manoel Zé descarregava peças de tal calibre.



—Olha que o não conhece, o pateta do meu cão, não vês que esse coelho é de gesso? Imbecil animal.

Dialogo entre dois artistas, no jardim publico:

—F.: tu já viste como é um piano por dentro?

—Eu não; mas acho que aquillo que toca são caixas com pelles de javali, tigre, leão, etc. As que são pequenas, dão um som fininho; as que são grandes, dão um som grosso.

—O' caramba, então aquella que dá a nota de baixo, deve ser uma caixa como um bombo!..

As cabeças d'estes amigos é que devem ser como um bombo: óccas por dentro...

Fallava-se de vinho sulphatado.

Um dos do convívio, que era pessoa muito aprumada e elegante, de bigode bem cofiado com bengala de gancho suspensa pelo braço esquerdo, não podia levar a bem que se fizesse a apologia do vi-

nho sulphatado. Mettendo, porisso, tambem bedelho na conversa, disse por sua vez:

—Não me digam que o sulphato é inoffensivo no vinho: elle «deposita se» de pouco a pouco no estomago e, porisso, ha de forçosamente prejudicar a saúde.

Está, pois, já descoberta
Receita p'ra bem comer:
E' «depositar» no estomago,
Sem ser preciso roer.

P'ra quem já não tiver dentes
Vem isto muito a proposito;
Serve a gorja de canudo,
O estomago de «deposito».

Ao jantar, n'uma casa particular ali do Campo da Feira, dizia um individuo:

—Eu já comi, sem fazer sacrificio, a uma refeição, 12 perdizes.

—Pois olhe, diz alguém maliciosamente, eu nos meus tempos de rapaz fui gastronomo razoavel; porém confesso que nunca tive cá dentro gaiola para contêr tanta passarada...

Gente d'um cartorio, pediu vinho para um magusto, a um official do juizo. Mandaram-lhe garrafão gigante; elle ao ver-lhe o grande bojo, assustou-se, mas enche-o.

E' esperado o rascante junto á fogueira, onde estouram castanhas. Chega finalmente. Formam-lhe circo. Como as castanhas afoqueiam a garganta, um dos do grupo bebe—fazendo caramunha e diz:

—E' agua-pé...

—Enganou-nos, o patife, diz, zangado, outro, o Pitad.

Fecha-te bocca...



—Caramba! Assustaram-me as malditas perdizes!

—E como ellas sahem d'entre as pernas, sem a gente as esperar?! Desavergonhadas!